

## Número de propriedades aptas ao mercado europeu aumenta

O número de propriedades gaúchas habilitadas a exportar carne *in natura* para a União Européia (UE) aumentou para 43 em novembro. Mesmo assim, o Conselho Técnico Operacional do Fundesa está preocupado com a quantia, considerada pequena em comparação com as 608 fazendas brasileiras aptas ao mercado europeu. O coordenador do conselho e vice-presidente da Farsul, Fernando Adauto, disse que os produtores estão receosos com as mudanças previstas no Sisbov e preferem aguardar para cumprir as novas exigências. Porém, há a possibilidade de as novas normas não saírem até a visita da missão européia, marcada para o final de janeiro.

Para Adauto, é necessário ampliar o número de fazendas em 2009, pois a UE é o mercado que melhor remunera. “A partir de março, quando aumenta a oferta, precisamos estar



### Mudança na rastreabilidade do rebanho preocupa

aptos. Por isso, o grande objetivo a partir de agora é recuperar em torno de 1.700 propriedades que constavam na lista no final de 2007, uma vez que essas propriedades já têm os animais identificados e precisam ser resgatadas.” Em fevereiro deste ano, a UE determinou o embargo à carne bovina brasileira após rejeitar a aprovação de 2.681 propriedades para exportação, alegando problemas no rastreamento.

Adauto também comentou que as exportações estão reduzidas devido à entressafra no Brasil. Com isso, o mercado interno tem sido o balizador de preços. Ressaltou, no entanto, que, quando aumentar a oferta, o Brasil precisará exportar e a União Européia é a melhor alternativa. Segundo ele, hoje a exportação para este mercado é pequena e, mesmo com a crise econômica, remunera R\$ 100,00 a mais por novilho.

## Começam trabalhos do Fórum do Agronegócio na Agenda 2020

O lançamento oficial e a primeira reunião do Fórum de Agronegócio da Agenda 2020 aconteceram no dia 19 de novembro, em Porto Alegre. O fortalecimento das cadeias produtivas, a integração da produção agropecuária à rede de inovação e tecnologia e a capacitação do segmento para agregar valor ao produto final são os três objetivos principais do fórum e que foram aprovados na ocasião. Os trabalhos dos grupos começam em março de 2009. O secretário substituto da Agricultura, Gilmar Tietböhl, acredita que a atividade deve resultar na harmonização dos elos das cadeias. Os participantes assistiram à apresentação sobre a metodologia feita pela secretária executiva da Agenda 2020, Ana Cristina Póvoas.

“Podemos não achar a solução para os principais gargalos que afetam as cadeias produtivas, mas saberemos quais são”, definiu o diretor-executivo da Farsul, Francisco Lineu Schardong, integrante do fórum.



### Lideranças estiveram reunidas na Capital e definiram prioridades

Além dos produtores, o setor de varejo também aprovou a iniciativa. “Acredito que o próximo passo é incluir nas discussões cadeias igualmente fortes como a do leite e outras que precisam crescer, como a da fruticultura”, defendeu o diretor executivo da Associação Gaúcha de Supermercados, Francisco Schmidt. Para os supermercadistas, iniciativas como a Agenda também servem para ampliar o diálogo.

Duas reuniões preparatórias

para o fórum haviam sido realizadas. A primeira aconteceu durante a Expointer, em Esteio, quando os presidentes dos Sindicatos Rurais de todo o Estado conheceram a Agenda 2020. Recentemente, um segundo encontro reuniu, na sede da Farsul, os representantes das cadeias produtivas do arroz e da bovinocultura. A metodologia a ser utilizada transforma os objetivos em projetos cujo detalhamento serão realizados pelo grupos de trabalho.



## Tropeando

Fernando Adauto

A pecuária de corte é a única atividade econômica que praticamos no campo gaúcho que antecede a colonização portuguesa. Com a destruição das Reduções Jesuíticas pelos bandeirantes, em 1640, o gado introduzido em 1634 ficou selvagem e, até a fundação da Colônia de Sacramento, em 1680, passou despercebido pelas coroas espanhola e portuguesa. O ambiente favorável do Pampa e dos Campos de Cima da Serra multiplicou os rebanhos, e a extração do couro propiciou o aparecimento do gaúcho nômade; posteriormente, da estância gaúcha. Sem dúvida, gado e ambiente são os responsáveis pelo nascimento do gaúcho e de toda nossa cultura. Até meados do século dezenove, período que coincide com a imigração alemã e italiana, quem vivesse ou se aproximasse do Rio Grande era para criar gado ou negociar sua produção.

Equívocadamente se atribui o pouco desenvolvimento da Metade Sul a sua etnia ou atividade econômica. A redução da população rural no bioma Pampa aconteceu drasticamente na primeira metade do século passado. Aí perdemos a representatividade política. O gaúcho “a pé”, obedecendo a uma tendência natural na evolução das sociedades, foi para a cidade. A Metade Sul nunca produziu sem-terra e, diversamente da Metade Norte, que desenvolveu e povoou os campos do Oeste do Brasil, nossa gente provocou o desenvolvimento urbano das mais diferentes regiões do País. As etnias dominantes no Sul, muitas vezes criticadas, além de assegurarem nossas fronteiras, foram responsáveis em muito pela organização política de nosso Estado e do Brasil. A produção pecuária em campo nativo praticada no Pampa é muito competitiva e produz a melhor carne do mundo, com sustentabilidade, conservando a natureza e a cultura gaúcha, atendendo aos apelos mais modernos dos mercados e da sociedade contemporânea. Apesar da competitividade da pecuária, o Pampa gaúcho vem perdendo em torno de quatrocentos mil hectares por ano de pastagem nativa para outras atividades agrícolas. Sua conservação não possui nenhuma política pública de incentivo e convive com altos índices de lotação do Incra e inadequados e inviáveis assentamentos.

Há quase dezessete anos, enfartei em Bagé, coisa feia. Graças ao bom atendimento recebido, garreado me escapei. Quando dei sinal de vida, em um táxi aéreo, me mandaram para o Instituto do Coração, em Porto Alegre. Na sala de cirurgia, ia ser submetido a um cateterismo. Muito debilitado, mais com muita gana de viver, olhei à volta. Com satisfação reconheci a todos. Meu tio Blau Souza, de Lavras do Sul, o Renato Kalil, meu colega de aula de Bagé, ambos reconhecidos cirurgiões do coração. Luiz Maria Yordi, de Dom Pedrito, responsável pela angioplastia, e o clínico Oscar Dutra, do Alegrete. Todos, para meu orgulho pampiano, muito competentes. Morro mas não perco a ironia, pensei. Com algum tipo de expressão olhei para o Blau que me questionou: “O que é Fernando?”. Com a dificuldade de falar de quem estava com a garganta mutilada pela entubação, balbuciei: “Acho que vou morrer”. “Por que rapaz?”, perguntou-me. “Vim procurar recursos na Capital e só vejo bombachudos na minha volta.” Todos riram. Reconhecendo a competência da colonização alemã que mudou a matriz produtiva do Estado e o empreendedorismo dos descendentes italianos, tenho muito orgulho de nossa gente, competente, conservadora e insurgente.